

Realismo versus pessimismo

Eduardo França

CARLOS ALBERTO DI FRANCO

O Brasil de hoje, independentemente das sombras que pairam no horizonte do sistema financeiro internacional, revela um vigoroso desejo de renovação. No entanto, o clima de sinistrose, alimentado pelos avanços e recuos do quadro político, renasce constantemente. A implosão da economia brasileira já foi anunciada inúmeras vezes. Da crise mexicana à asiática.

Que a situação é grave, ninguém duvida. Basta olhar para o comportamento antipatriótico de alguns dos nossos parlamentares. Para eles, as reformas não passam pelo enxugamento do Estado, o desemprego é invenção de comunista e estatal é sinônimo de eficiência. A máquina precisa ser preservada. Afinal, o Governo sempre foi o grande cartório, o shopping que alegra a vida dos moradores da Ilha da Fantasia.

Mas os que estamos do lado de cá, os profissionais da mídia, também carregamos os nossos pecados. Sobressai, entre eles, a tendência ao catastrofismo. O rabo abana o cachorro. O mote, freqüentemente usado para justificar o alarmismo de certas matérias, denota, no fundo, a nossa incapacidade para informar em tempos de certa normalidade. Mas mesmo em épocas de crise é preciso não aumentar desnecessariamente a temperatura. O jornalismo de qualidade reclama um especial cuidado no uso dos adjetivos. Caso contrário, a crise real pode ser amplificada pelos megáfones do pessimismo. À gravidade da situação, inegável e evidente, acrescenta-se uma dose de pessimismo. O resultado final é a potencialização da crise.

Alguns setores da mídia, em nome da independência e da imparcialidade, têm feito uma opção preferencial pelo negativismo. A imprensa, pensam os catalisadores da hipocondria social, tem uma missão de denúncia, de contraponto. Concordo. E de denúncia enérgica. O problema não está aí, mas na miopia, na obsessão pelos aspectos sombrios da realidade.

Não defendo, por óbvio, a prática de um jornalismo cor-de-rosa. Aliás, o primeiro dever ético de um jornalista é o seu comprometimento com a verdade. O que critico não é a denúncia bem fundamentada, mas o culto da sensação em detrimento de uma análise mais séria e profunda.

Uma cachoeira de prognósticos sombrios corre solta. A análise isenta, verdadeiramente jornalística, talvez conduza a um horizonte menos assustador. O país está numa corrida de obstáculos e, como nos estádios, a pista não termina no abismo. Estamos, ricos e pobres, navegando num mesmo transatlântico. No caso de naufrágio, não haverá afogamento seletivo. Iremos todos a pique. Também os ocupantes da primeira classe.

Por isso, sem otimismo tolo, é preciso reconhecer que o Brasil, pelo tamanho do seu mercado, pela iniciativa que demonstra, é maior do que governos e circunstâncias de momento.

O que existe por trás da torrente de queixas e profecias sinistras? Acredito, sem receio de cometer injustiça, que boa parte do fenômeno radica numa deformação profissional que atinge alguns jornalistas. O mau ceticismo (há um bom ceticismo, base do jornalismo investigativo) é uma dessas deformações. Essa atitude passa tudo por um filtro amargo e corrosivo. A consequência é óbvia: já não se faz o registro isento dos fatos. Há uma compulsão para pinçar os aspectos negativos dos acontecimentos.

É cômodo e relativamente fácil provocar emoções. Informar com profundidade é outra conversa. Exige trabalho, competência e talento. Estou convencido de que boa parte da crise de credibilidade que afeta alguns setores da mídia pode ser explicada pelo seu distanciamento da realidade. Objetividade e equilíbrio. Luzes e sombras. Não só denúncia, mas também não só aplauso. A todos um feliz Natal. E que sejamos mais realistas (ou menos pessimistas) em 1999. Afinal, o lusco-fusco de um milênio pede um clima de esperança.

CARLOS ALBERTO DI FRANCO é diretor do Master em Jornalismo para Editores e professor de ética jornalística.